

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

INSERÇÃO DA FRUTICULTURA DO SUBMÉDIO DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO NAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR

INSERTION OF FRUIT CULTURE IN THE SUB-MEDIUM OF THE SÃO FRANCISCO RIVER VALLEY IN GLOBAL VALUE CHAINS

Fernando da Silva
Doutorando em Geografia – UFSC
Mestre em Geografia – UFSC
Programa de Pós-graduação – Universidade Federal de Santa Catarina
(48) 99128-8016 / fernandodasilva87@hotmail.com

Resumo:

O artigo faz uma análise da inserção da RIDE de Juazeiro e Petrolina na cadeia global de valor da fruta. É usado como referencial as construções teóricas sobre as cadeias globais de valor de Bair e Gereffi e as muitas contribuições da literatura corrente sobre a fruticultura na região. Parte-se de um exame dos dados sobre a exportação, sobretudo do seu crescimento nos últimos 20 anos,. Este deve-se em parte a uma série de políticas públicas e instituições criadas pelos entes estatais, principalmente depois dos anos 1960. A inserção desta na cadeia global da fruta ocorre através do processo de certificação e aquisição de selos que atestam a qualidade, a segurança alimentar, a proteção socioambiental e a rastreabilidade da produção das frutas. Na estrutura da cadeia, os que se apropriam da parcela maior do valor são os que se situam a jusante.

Palavras-chave: Fruticultura. Cadeia Global de Valor. RIDE de Juazeiro e Petrolina. Inserção.

Abstract:

The article analyzes the insertion of RIDE in Juazeiro and Petrolina in the global fruit value chain. The theoretical constructions on global value chains by Bair and Gereffi and the many contributions of the current literature on fruit growing in the region are used as a reference. It starts with an examination of export data, especially its growth over the last 20 years. This is due in part to a series of public policies and institutions created by state entities, mainly after the 1960s. Its insertion in the global fruit chain occurs through the process of certification and acquisition of seals that attest to the quality, safety food, socio-environmental protection and traceability of fruit production. In the chain structure, those who appropriate the largest share of value are those located downstream.

Keywords: Fruit growing. Global Value Chain. Insertion. RIDE from Juazeiro and Petrolina.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a plataforma FAOSTAT, da Organização das Nações Unidas, em 2020, o Brasil foi o terceiro maior produtor de frutas, com 58 milhões de toneladas de frutas produzidas, representando 5,4% do total mundial. Em segundo ficaria a Índia, com 11,5% e a primeira posição pertenceria a China com 28,1%. Apesar de ter uma produção expressiva a nível mundial, sua exportação foi menos de 3% do total, de acordo com dados do Ministério da Agricultura, 2020.

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

Muitos fatores limitam o crescimento das exportações de frutas como aqueles inerentes a atividade (preços, qualidade, armazenamento, alta perecibilidade, dentre outros) e aos que estão ligados diretamente ao acesso aos mercados como as barreiras tarifárias e não tarifárias. (BUSTAMANTE, 2009, p. 154)

Por outro lado, as condições vantajosas do Nordeste e, em específico das áreas irrigadas do Submédio do Vale do São Francisco, quais sejam de solo, clima, topografia aliadas à irrigação e as estruturas e infraestruturas de apoio tem possibilitado um grande dinamismo produtivo e exportador.

À luz dessas considerações, o presente trabalho objetiva analisar como a fruticultura irrigada do Submédio do Vale do São Francisco se insere nas cadeias globais da fruticultura. Para tanto, far-se-á uma breve retrospectiva ao início da produção irrigada e apontado os condicionantes de sucesso e de limites da fruticultura nessa porção regional. E, como a fruticultura dessa porção se insere nas cadeias globais de valor. Serão coletados dados de exportação e produtividade das principais frutas exportadas nos sites do IBGE e do Ministério da Agricultura para elaboração de tabelas. Ainda, será levantado quem são os principais importadores e a quantidade comprada.

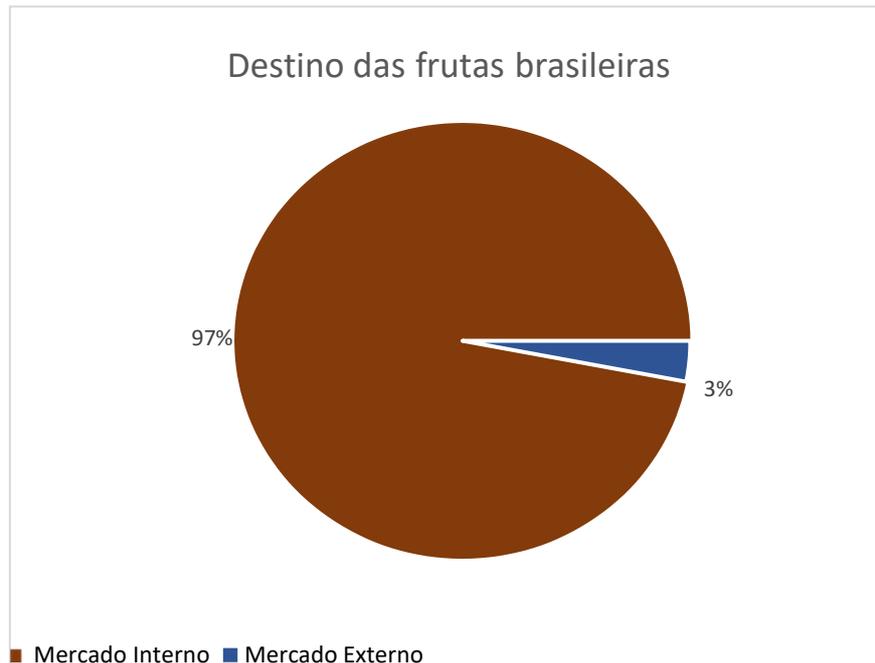
O referencial teórico utilizado no presente trabalho são as construções teóricas presentes na literatura a respeito de cadeias globais de valor, especialmente as contribuições Gereffi (1994), Gereffi et al (2001), Bair (2005).

O trabalho apresenta, além da introdução, mais três seções. Na primeira, será feito uma breve explanação da implantação da fruticultura irrigada no submédio até os dias atuais, destacando o papel dos condicionantes naturais e a contribuição das estruturas institucionais na implantação e desenvolvimento dos polos de irrigação. Na segunda, será analisado como ocorreu a inserção da fruticultura irrigada do Submédio do Vale do São Francisco, apontando as vantagens e desvantagens dessa inserção. E, por fim, apresentar-se-á considerações finais.

2. A FRUTICULTURA IRRIGADA NO SUBMÉDIO DO VALE DO SÃO FRANCISCO

De acordo com o Ministério da Agricultura, referentes a 2020, o Brasil se posicionou como terceiro maior produtor de frutas do mundo, com uma produção de 58 milhões de toneladas, representando a 5,4% do total mundial. Apesar disso, o país exportou apenas 1,24 milhão de toneladas, o que representa cerca de 3% do total produzido, conforme mostra o gráfico 1.

Gráfico 1: Destino das frutas brasileiras



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do Mapa/Agrostat, 2020.

Contando com um imenso território agricultável, condições edafoclimáticas diversificadas e uma grande força de trabalho, o país dispõe de um grande potencial para se tornar um dos maiores exportadores de frutas do mundo. Apontando nessa direção, os dados relativos ao período de 2000 a 2020 evidenciam um crescimento de 62% na produção, passando de 36 milhões de toneladas para 58 milhões. Nesse mesmo período, a exportação aumentou mais de duas vezes em relação à produção (108,05%) passando de 506 mil toneladas para 1,05 milhão de toneladas. Em valores exportados o crescimento nesse período foi de 179%, conforme dados que podem ser observados na tabela 1.

Dentre as regiões brasileiras, o Nordeste se destaca em segundo lugar na produção de frutas em 2020, com 12,5 milhões de toneladas, segundo o anuário brasileiro de hortifrúti. Em exportação, o Nordeste está na primeira colocação com US\$ 693,47 milhões, o que representa 64,3% do total exportado pelo Brasil. Em volume, essa proporção foi maior, 66,33%, vendendo ao exterior cerca de 700 mil toneladas.

No Nordeste, dos nove estados que compõem a região, Bahia e Pernambuco se destacaram, em 2020, pela exportação de US\$ 373,87 milhões em frutas, o que representaram 34,7% do total regional, segundo dados do Ministério da Agricultura. Ainda, cabe destacar que o crescimento das exportações de frutas dos estados da Bahia e Pernambuco, juntos, no período de 1997-2020,

representaram um incremento de 1366,1%, passando de US\$ 25,5 milhões para US\$ 373,87 milhões.

Com a pandemia da Covid 19 e o consequente *lockdown*, o consumo de frutas aumentou de modo expressivo. As exportações de frutas da Bahia e de Pernambuco no período 2019-2021, cresceu 34,7%, passando de US\$ 327, 11 milhões para US\$ 440 milhões. No entanto, o impacto da pandemia, principalmente, nos países compradores, trouxe redução nas compras que se reflete nos dados de 2022. Neste ano, as exportações recuaram 19% em relação ao ano anterior. Isso refletiu mais tarde nos dados, porque os contratos de exportação são feitos muito antecipadamente.

Tabela 1: Exportação de frutas pelo Brasil, Nordeste e Bahia e Pernambuco.

Exportação de Frutas						
Ano	Brasil		Nordeste		Bahia e Pernambuco	
	Toneladas	US\$	Tonela das	US\$	Toneladas	US\$
1997	334.580	313.876.466	116.471	208.313.327	27.020	25.500.692
2000	506.645	386.099.503	202.619	249.804.716	77.394	48.383.842
2005	937.855	710.502.406	509.267	509.970.914	168.862	107.850.366
2010	839.275	905.728.545	523.410	681.972.958	195018	262.624.521
2015	854.625	888.575.188	569.369	597.639.503	225.387	265.704.800
2020	1.054.103	1.077.198.474	699.270	693.471.093	310.476	373.874.772
2021	1.245.275	1.218.183.438	808.935	793.060.696	386.749	440.916.154
2022	1.046.572	1.076.873.129	688.350	670.681.949	327.316	357.155.881

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Mapa/Agrostat.2022.

Inserida entre esses dois estados, está a região mais dinâmica da fruticultura nordestina a do Submédio do Vale do rio São Francisco. Esta é formada por doze municípios, dos quais oito

pertence a RIDE (Região Integrada de Desenvolvimento), área criada com muitos municípios integrados para a instituição de políticas públicas com a finalidade de propiciar seu desenvolvimento.

Instituída pela Lei Complementar nº 113, de 19 de setembro de 2001, e regulamentada pelo Decreto nº 4.366, de 9 de setembro de 2002, a Ride é composta por quatro municípios no estado de Pernambuco: Petrolina, Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista, Orocó e quatro no estado da Bahia: Juazeiro, Sobradinho, Curaçá e Casa Nova como pode ser visto na figura 1.

Figura 1: Ride Polo de Petrolina e Juazeiro



Fonte: Adaptado a partir do mapa disponível em: https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/Arquivos/SNSA/Arquivos_PDF/RIDE_Juazeiro_Petrolina.pdf

Com a instituição da RIDE de Petrolina e Juazeiro, muitos recursos públicos foram investidos em irrigação, recursos hídricos, turismo, reforma agrária, meio ambiente, meios de transportes e demais infra estruturas. Tudo isso, foi imprescindível na transformação econômica e urbana no Submédio do Vale do rio São Francisco.

Essa região possui dois municípios polos: Juazeiro e Petrolina, cujos núcleos urbanos são os que mais crescem no interior nordestino. De acordo com estimativas do IBGE para o ano de 2020, a RIDE teria 786.244 habitantes, dos quais 572.479 habitantes estão na área conurbana de Juazeiro e Petrolina, ou seja, 72,8%. No período de 2000 a 2020, de acordo com censo e estimativa do IBGE, a população da RIDE teve um incremento de 36,2%, evidenciando a desenvoltura econômica da região.

A dinamicidade econômica e urbana do Submédio do Vale do São Francisco está relacionada à atividade da fruticultura. Esta se tornou bem-sucedida devido às políticas públicas combinado

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

com as condições naturais de clima, solo e topografia, que possibilitaram o desenvolvimento da fruticultura irrigada.

Havia uma intencionalidade de promover o desenvolvimento do interior do Nordeste mesmo antes da implantação da fruticultura irrigada, haja vista as condições adversas do ponto de vista ambiental, em estrito senso. Grande parte do interior nordestino está situado no polígono das secas, cujo clima predominante é o semiárido e a vegetação ressequida da caatinga.

Essas condições adversas levaram, inicialmente, em 1909, durante a Gestão do Presidente Nilo Peçanha, a criação do IFOCS (Inspetoria de Obras Contra a Seca) que mais tarde seria transformado em DOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), cuja tarefa era construir açudes e poços artesianos, principalmente no Semiárido.

Em 1945, no final da segunda gestão do presidente Getúlio Vargas, foi criada a CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco), cuja função é a de geração e transmissão da energia ao longo do Vale do São Francisco, sendo mais restrita em sua área de atuação do que o antigo IFOCS. Começa-se assim, de forma mais incisiva, ações para construir infraestruturas, que mais tarde possibilitará o desenvolvimento de projetos de irrigação, sobretudo, voltados à fruticultura.

Ainda, na década de 1940, é instituída a CVSF (Comissão do Vale do São Francisco) pela Lei nº 541 de 15 de dezembro de 1948, com o objetivo de desenvolver o Vale do São Francisco. Em convênio com o Ministério da Agricultura estabelece áreas de colonização e assistência à irrigação com bombas a diesel, posteriormente substituídas por eletrobombas. Ademais, esta comissão começa estudos de viabilidade de cultivo de cultivares frutícolas, destinado à exportação.

Com o slogan “50 anos em 5”, o Presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961), empreendeu uma série de ações para desenvolver o país, dentre as quais está a criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), cujo objetivo específico era promover e coordenar ações de desenvolvimento da região Nordeste, implementando várias infraestruturas de transporte, comunicação e energia.

No final do mandato de Juscelino, em 1960, foi lançado um programa de irrigação do Vale do São Francisco sob coordenação da Sudene que envolvia recursos técnicos e financeiros da FAO – Fundo das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Inicialmente, seria feito estudos para demonstrar a viabilidade da irrigação, como coloca Filho (2016, p. 8):

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

“Tal programa foi denominado Operação São Francisco, o qual teve como objetivos primários a demonstração de viabilidade física da irrigação no São Francisco e viabilidade econômica de diferentes culturas agrícolas experimentadas – através da adaptação de culturas às condições do solo e clima para irrigação e estimativa do consumo de água destas culturas”.

Nos anos 1960, conforme apontou Sousa (2017, p. 17), a Sudene atraiu empresários da região Sul e Sudeste, mediante incentivos e subsídios, para investir na agricultura irrigada no Vale do São Francisco, inicialmente, culturas diversificadas. Posteriormente, nos anos 1970, a fim de aumentar os estímulos aos investimentos, foi criado o FINOR (Fundo de Investimentos do Nordeste) destinado às empresas. Estas poderiam deduzir do lucro líquido do imposto de renda para investir em projetos no Nordeste.

Em 1967, a CVSF é extinta e, em seu lugar é criada a Suvale (Superintendência do Vale do São Francisco), que em 1974 seria sucedida pela CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco). Ao criar órgãos e autarquias pretendia -se impelir o desenvolvimento do Nordeste para integrá-lo a economia nacional e concretizar o projeto de Brasil potência.

Ao longo dos anos 1970, mais instituições são criadas para impulsionar o desenvolvimento regional, especialmente no Submédio do Vale do São Francisco. Em 1976, é criado o CPATSA (Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido) da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) para a pesquisa básica e aplicada e de inovação tecnológica. Neste mesmo ano, foi criada a Faculdade de Ciências Aplicadas de Petrolina. Era necessário criar a infraestrutura para implementar os projetos de irrigação.

No I e II PND - Plano Nacional de Desenvolvimento (1972 a 1972) como destaca Sousa (2017) já estava previsto projetos de irrigação no Semiárido nordestino de 40.000 hectares, mas que devido à crise do endividamento público se reduziu para menos de 5.000 hectares.

Após a consecução de estudos de viabilidade do solo e da água do Vale do São Francisco para fins de cultivo agrícola, foram implementados pela CODEVASF projetos públicos de irrigação destinados a cultivares frutícolas em Juazeiro – BA (em 1978 e 1981), Curaçá – BA (1982), Petrolina – PE (1984 e 1990).

A partir dos anos 1980 e 1990, intensifica os projetos de irrigação sob a coordenação da SUDENE visando a produção de frutas de maior valor comercial. Nesse momento, a região do Submédio do Vale do São Francisco passa a receber muitos migrantes vindos da região Sul e Sudeste para empreender na atividade da fruticultura.

Cabe destacar que a implantação da Universidade Estadual da Bahia, em 1983, na cidade de Juazeiro foi de fundamental importância para o desenvolvimento dos polos da Fruticultura de Juazeiro e Petrolina, pois dentre seus cursos tinha Ciências Agrárias e pesquisas em agricultura irrigada.

Com a implantação do Plano Real em 1994, o poder de compra da população brasileira se elevou, levando ao aumento do consumo interno de frutas. Nessa mesma década, a exportação de frutas teve dois picos de crescimento: 1990-1992: 80% e 1998- 1999: 36%. Nesses dois momentos, nossa moeda estava desvalorizada frente ao dólar instigando as vendas externas. Foram exportados da região do Vale do São Francisco: manga, melão, uva dentre outras.

Além do conjunto institucional e infraestrutural criados nas décadas anteriores, a reestruturação produtiva levada a cabo na segunda metade dos anos 1990 proporcionou aumento do volume produzido e do exportado, conforme coloca Leão, Moutinho e Campos (2016, p. 292) *“...reestruturação produtiva aplicada... na segunda metade de 1990, resultou em uma maior interação e estabelecimento de parcerias entre pequenos produtores e empresas exportadoras que foi importante para aumentar o volume...”*

Nos anos 2000, nos contextos macroeconômicos nacional e internacional favoráveis, a região Nordeste, conforme dados do Ministério da Agricultura, teve um incremento de 211,79% nas exportações de frutas no período 2000-2007, passando de 202.619 para 631.754 toneladas. Dentre os estados nordestinos, Bahia e Pernambuco juntos representaram cerca de um terço das exportações da região no período considerado.

Como a crise do subprime, nos EUA, em 2008 afetou a Europa, principal mercado de consumo das frutas nordestinas, houve recuo das exportações nordestinas de frutas. No biênio 2008-2009 em relação ao ano de 2007, a redução foi de 17,7%, deixando de vender ao exterior nesses dois anos 223.312 toneladas.

Durante nove anos, de 2010 a 2018, o crescimento foi pífio e, em volume exportado não conseguiu atingir o que foi alcançado em 2007. A recuperação a partir do patamar atingido em 2007 começa em 2019, sendo muito significativo em 2021, quando comparado a 2020, 15,7%, passando de 699.270 para 808.935 toneladas.

O comportamento das exportações da Bahia e Pernambuco é semelhante ao que ocorreu a nível regional, o crescimento ficou em uma média de cerca de 5%, no período de 2010-2020 se comparado às exportações de 2007. A partir de 2020, o crescimento mais que dobrou no biênio 2019/2020 (cerca de 12%). E, sua representação no total regional foi de 44%, elevando-se a 48%

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

no ano de 2021.

O crescimento das exportações de frutas desses dois estados nordestinos está concentrado nos polos irrigados de Juazeiro e Petrolina e, em algumas frutas. Segundo dados citados no trabalho de Oliveira e Lima (2021, p. 827), referentes a 2019, no tocante as exportações de uva e manga, representam, respectivamente, 98,67% e 85,56% do total vendido pelo Brasil ao exterior dessas frutas. Estas duas frutas, segundo Mapa/Agrostat (2022) referentes ao ano de 2019 corresponderam a 16% e 66,5% de todas as frutas exportadas por esses dois estados.

3. INSERÇÃO DO VALE DO SUBMÉDIO DO SÃO FRANCISCO NA CADEIA GLOBAL DE VALOR DA FRUTA

Conforme já mencionado no início deste artigo, as condições naturais nos oito municípios que compõem a RIDE (Região Integrada de Desenvolvimento), quais sejam declima (semiárido com temperaturas elevadas, poucas chuvas), de solo dentre outras, aliadas a irrigação possibilitaram que as políticas públicas nos distintos entes federativos (federal, estadual e municipal) fossem fecundas para transformar o Submédio do Vale do São Francisco no maior polo exportador de frutas tropicais do Brasil.

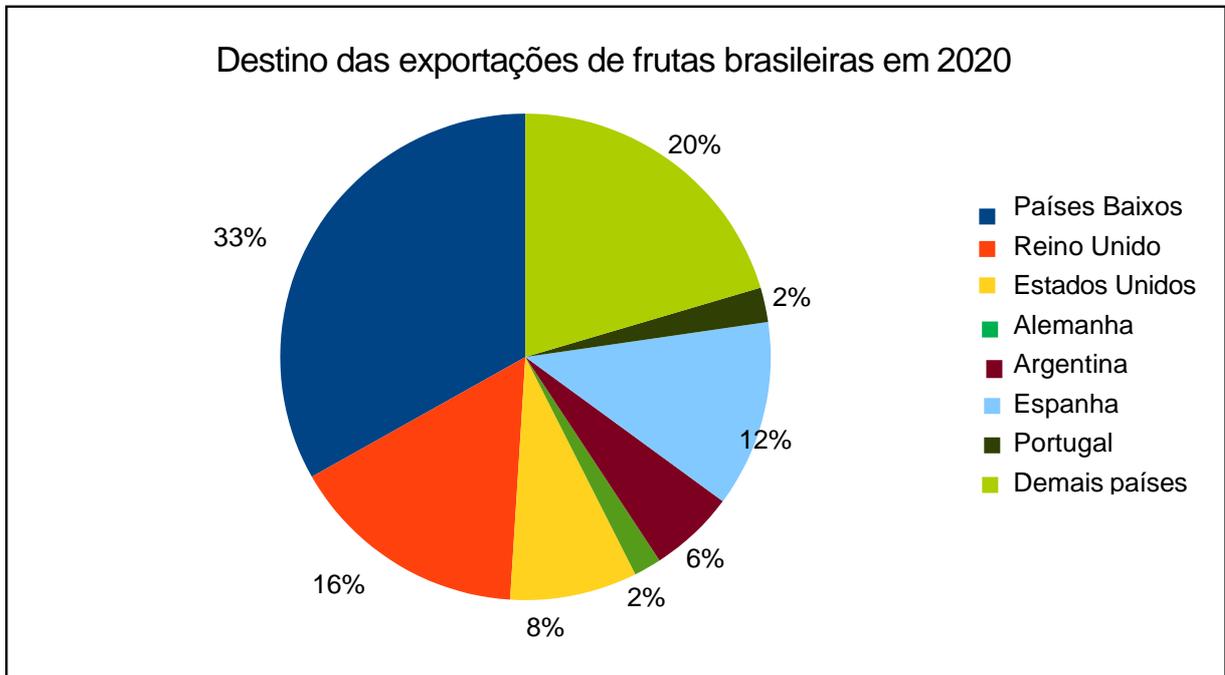
Há que considerar o que foi dito antes, que o crescimento da economia mundial, sobretudo, na primeira década dos anos 2000, atrelado a uma ampla difusão dos benefícios do consumo de alimentos saudáveis contribuíram para o aumento significativo de nossas exportações de frutas. As exportações de frutas dos estados da Bahia e Pernambuco, no período 1997 - 2020, cresceram impressionantes 1.049,05%, passando de 27.020 a 310.476 toneladas vendidas ao exterior, conforme aponta os dados da tabela1. Entretanto quando se observa os dados da década de 2010 há uma redução desse crescimento, haja vista que muitos países compradores, sobretudo da Europa foram atingidos diretamente pela crise de 2008.

A RIDE de Petrolina e Juazeiro é o principal produtor e exportador de frutas desses dois estados, tendo respondido por cerca de 42% de toda produção de frutas, em 2019 de acordo com dados do IBGE. Em exportação, as duas frutas mais exportadas, uva e manga, responderam a respectivamente 98,67% e 85,56% do total exportado pelo Brasil.

O destino das exportações de frutas está concentrado para alguns países e regiões do mundo. Como pode ser verificado no gráfico 2, cerca de metade das exportações se destinam a dois países europeus: Países Baixos e Reino Unido. E, se for considerado as áreas continentais, 70% das

vendas ao exterior foram para a Europa dos 28 (União Europeia + Reino Unido).

Gráfico 2: Destino das exportações de frutas brasileira.



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados do Mapa/Agrostat.

Apesar do grande crescimento das vendas ao exterior das frutas brasileiras nos últimos 20 anos, ainda pouco do que é produzido se destina ao exterior, cerca de 3%. Isso ocorre devido a alguns fatores relacionados ao mercado externo e ao interno, que limitam as exportações de frutas.

Antes de expor os fatores, é necessário deixar claro que a fruticultura irrigada do Submédio do Vale do rio São Francisco, atualmente, se caracteriza por uma estrutura moderna, com muito investimento financeiro e detentora de conhecimento e *Know How* para o comércio internacional. Ainda, como apontado pelo IBGE, a produtividade é elevada, passando de 25 t/ha em 2009 a 39,21 t/ha na fruta mais exportada, a uva, conforme pode ser observado na tabela 2.

Por outro lado, a produtividade do melão reduziu no período 2009-2020, passando de 32,15 para 23,91 ton/ha, uma redução de 25,6%. Isso pode estar associado a baixa disponibilidade hídrica no estado de Pernambuco de 2014 a 2018 como constatado nos dados do percentual de água nos reservatórios deste estado, citados no trabalho de Vidal (2019, p.5). A capacidade ficou abaixo de 20% na maioria dos anos do período citado.

Tabela 2: Produtividade das frutas mais exportadas pelo polo de Juazeiro e Petrolina

Produtividade das frutas mais exportadas pelo polo de Juazeiro e Petrolina (ton/ha)		
Produto	2009	2020
Uva	25,6	39,21
Manga	6,33	9,64
Melão	32,15	23,91
Coco	6,35	12

Fonte: elaborado pelo autor de acordo com dados do IBGE, disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/> acessado em 25 de agosto de 2022.

As limitações a uma maior participação das frutas nordestinas do Vale do São Francisco se devem as restrições externas expressas por controles de qualidade e segurança dos alimentos por parte dos compradores associados ou não a proteção de produtores locais. Além disso, os produtores nordestinos enfrentam concorrentes de peso como o México, os países da América Central e, mesmo alguns países africanos. Estes possuem condições edafoclimáticas semelhantes, fretes e preços competitivos que inviabilizam o uso potencial das exportações regionais.

As muitas exigências do mercado externo inviabiliza o lucro de muitos pequenos locais, obrigando-os a destinar a sua produção ao mercado interno, como colocou Cavancanti e Dias (2015, p. 284): “Os que não se qualificam para o mercado global direcionam sua produção para o mercado interno”. Isso explica a baixa certificação da produção de frutas do polo de Juazeiro e Petrolina como apontou o trabalho de campo de Penha e Belik (2019, p. 202), 20,56% dos entrevistados.

Os custos de comercialização no mercado interno são menores do que no externo. E, nesse não há tantas exigências, que onerem os pequenos produtores. Assim, a maior parte da produção de frutas nordestinas vão para o mercado interno, especialmente parao regional.

Por outro lado, dispor de condições financeiras para ter acesso à certificação e aos selos pode garantir acesso a nichos de mercados dos competitivos países avançados, especialmente na contrassafra do hemisfério norte. Com isso, os produtores podem mealhar um lucro maior pela sua produção e ser mais resiliente em uma cadeia, cujo nível onde se encontra é tão instável.

Cabe ainda apontar que em momentos em que a taxa de câmbio está valorizada, ou de

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

recessão internacional, ou ainda de superprodução internacional acabam restringindo as exportações, obrigando os produtores a redirecionar o que seria exportado para o mercado externo, levando a diminuição do lucro, haja vista que mais produtos no mercado interno faz os preços diminuírem.

Assim sendo, a produção local tem se organizado em cooperativas para se prepararem às exigências do mercado internacional, no tocante a qualidade e segurança alimentar. Através de uma organização da produção e maior controle sobre o trabalho e aumento do poder de negociação da produção, os cooperados têm conseguido maior acesso aos mercados muito restritos como é o caso do europeu. Uma dessas cooperativas é a Valexport (Associação dos Produtores e Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco) que criada em 1988, conta hoje com 35 associados.

Uma outra cooperativa de destaque na região é a Brazilian Grapes Marketing Board (BGMB). Criada em 1992 como uma associação de produtores com o objetivo de viabilizar a exportação de uvas da região. O foco foi aumentar o poder de barganha na comercialização da uva no mercado internacional. Ainda, se encarrega de comprar insumos, contratação de fretes, prestar assistência técnica e comercial aos produtores. Graças a atuação dessa associação, 70% das uvas exportadas pelo Vale do São Francisco sai de seus associados, conforme coloca Sousa (2017, p. 81).

A inserção da produção regional de frutas do Submédio do Vale do rio São Francisco ao mercado internacional ocorre através da cadeia de valor global coordenada por compradores (Gereffi e Korzeniewicz, 1994) na qual a coordenação fica a cargo de varejistas, supermercadistas e atacadistas dos países destino das exportações.

Segundo Cavalcanti e Dias (2015, p. 287), “Estes arranjos não mercantis... de atividades produtivas e comerciais, definem o que, como, quanto, quando e os meios de transporte em cada mercadoria”. Há um controle político do local pelas cadeias produtivas:

“...o controle externo sobre a produção agrícola é realizado segundo duas perspectivas: uma, definida pelos interesses e demandas dos consumidores dos países de destino da mercadoria e imposta pelo estabelecimento de limites ou fronteiras de mercados; outra, decorrente desta, imposta pelo requerimento de condições locais adequadas de produção, sejam elas ambientais, socioeconômicas ou políticas para citar algumas e, em especial, uma combinação eficiente de uso e administração de recursos humanos que garanta o trabalho necessário à produção de acordo com os padrões de qualidade previamente definidos.” (Cavalcanti, 1997, p. 80,81)

Nesse sentido, os supermercados, varejistas e atacadistas europeus exigem selos de certificação da produção local cujos objetivos são de atestar sabor (autentico e natural), preço justo (qualidade adequado ao preço), segurança do alimento (garantia de saúde e segurança para quem consome) e desenvolvimento sustentável (produtos com mínimo de impacto ao meio ambiente).

Há vários selos de certificação segundo a Senar (2017): o Globalgap (segurança alimentar, proteção do meio ambiente, condições de saúde e higiene e segurança dos trabalhadores), PIF – Proteção, Integrada de Frutas (proteção ao meio ambiente, segurança alimentar, condições de trabalho, saúde humana), Fruta Sustentável (higiene, proteção ao meio ambiente, condições de trabalho justas e seguras), Certificação orgânica (assegura que o produto, processo ou serviço atende normas e praticas da produção orgânica).

No processo de obtenção da certificação há que seguir normas específicas como por exemplo, observar a permissão de uso de agrotóxicos no Brasil e no país para o qual se destinará a exportação. Acrescenta-se a isso o fato de que não há padrões na permissão do uso desses venenos, o que é permitido em um país pode ser proibido em outro, como coloca Cavalcanti e Dias (2015, p. 81).

Segundo os autores supracitados, os produtores e os exportadores recebem todas as especificações de como deve ser produzido (de qualidade, média do nível de açúcar, variação de coloração, calibre dos frutos), exigência em relação as embalagens, roteiros de cuidados para a colheita e pós-colheita. Ademais, devem ser feitas inspeções fitossanitárias na produção e embalagens das frutas por técnicos norte-americanos (no caso de exportações aos EUA) a cargo dos produtores.

As inúmeras exigências dos que estão a jusante da cadeia de valor da fruta busca mitigar as assimetrias de informações, reduzindo as incertezas sobre a qualidade dos produtos comercializados, oferecendo nas gôndolas um produto que foi atestado quanto às suas qualidades intrínsecas, a higiene, a segurança do alimento e à sua rastreabilidade.

A logística nessa cadeia é de suma importância por se tratar de um produto perecível. Apesar do uso de mecanismos para aumentar a durabilidade das frutas, como refrigeração e conservadores, o uso de sistemas de informática e comunicações combinadas com uma boa infraestrutura de estradas, portos e aeroportos para acessar com rapidez os mercados de consumo é imprescindível para se manter competitivo, haja vista que as frutas devem ser colhidas no tempo certo e chegar ao consumo com determinado padrão para ser exposto nas gôndolas dos supermercados estrangeiros.

Os supermercados nos EUA e na Europa tem cada vez mais importado as frutas in natura e feito algum tipo de beneficiamento para aumentar a apropriação de valor como é o caso dos supermercados britânicos que fazem fatiamento do melão e da manga, chegando a ampliar em cerca de três e dezenove vezes, respectivamente, o valor amealhado, conforme aponta o trabalho de Penha e Belik (2019, p.205).

Ainda na estrutura da cadeia global da fruticultura, há os que pelas funções que exercem, importantíssimos como instrumentos de normatização, como as ONG (Organização Não-Governamental), organizações de certificação, serviços de consultoria, de apoio e os *experts*. Estes atores colaboram para o bom funcionamento da cadeia e para manter os mecanismos de poder inalterados.

Os compradores que exercem pleno domínio sobre a cadeia, sobretudo, em relação à produção e à circulação, apropriam da parcela maior do valor adicionado:

“Todavia, como as especificações produtivas estão sob controle dos compradores que exigem determinados atributos – e que, inclusive modificam-se ao longo do tempo, exige-se uma forte coordenação e interação entre estes compradores e produtores com um claro grau de domínio dos compradores sobre os vendedores quanto à capacidade de apropriação do valor adicionado” (Penha e Belik, 2019, p. 194)

O poder dos compradores tendem a aumentar à medida que se eleva a concentração em um determinado mercado. Dolan e Humphrey (2000) ao analisar a cadeia de vegetais frescos coloca que, no período pós-1970, no Reino Unido, houve uma grande concentração da competição oligopsônica e, com isso, passaram a serem responsáveis pela importação de cerca de 90% dos produtos frescos comprados da África.

O poder de barganha de uma infinidade produtores de frutas do Nordeste diante de estruturas oligopsônicas é muito reduzido, mesmo considerando que muitos fruticultores estão associados em cooperativas, como é o caso dos associados da Valexport e da BGMB, citados anteriormente.

Há uma necessidade premente de uma maior atuação dos entes estatais a fim de reduzir os custos produtivos e de comercialização dos pequenos produtores e, com isso, possibilitar sua maior inserção na cadeia global de valor da fruta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região do Submédio do Vale do rio São Francisco, especialmente o polo de Juazeiro e Petrolina se tornou nesses últimos 20 anos, a que mais exporta frutas do Brasil, sobretudo, uva e

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

manga. Nesse período, o Nordeste aumentou suas exportações de frutas em 177,6%, passando de US\$ 249 milhões a cerca de US\$ 700 milhões anuais, sendo que a maior parte desse valor foi exportado pela RIDE de Juazeiro e Petrolina.

Apesar da evolução muito significativa em valores exportados, ainda em termos globais, a região Nordeste tem uma participação muito pequena em relação aos *players* do comércio internacional de frutas. Menos do que 3% é exportado pela região a um grupo pequeno de países, sobretudo da Europa.

A inserção da região na cadeia global de valor da fruta tem proporcionado o desenvolvimento econômico e urbano, com a geração de empregos e crescimento das cidades polos, Juazeiro e Petrolina. Mas a maneira como tem ocorrido essa inserção, subjugou a região aos ditames dos compradores externos: os varejistas e atacadistas dos países cêntricos.

Ainda como demonstrado no trabalho, a maior apropriação de valor na cadeia ocorre a jusante. Uma das estratégias adotadas pelos supermercadistas europeus é importar as frutas in natura e realizar algum beneficiamento simples, vendendo o produto com um custo final de muitas vezes o valor do produto inteiro.

A porta de entrada na cadeia, ocorre sobretudo através da certificação da produção e na aquisição de selos. Como a estrutura produtiva é formada majoritariamente por pequenos produtores, muitos não conseguem se inserir, destinando sua produção para o mercado interno.

Assim sendo, há necessidade premente de implantar linhas de créditos aos pequenos produtores com juros subsidiados combinadas a treinamento e profissionalização dos que trabalham diretamente na produção das frutas. Adicionalmente, deve haver uma coordenação dos entes federativos objetivando implantar medidas para reduzir impostos diretos sobre a produção e melhorar as infraestruturas.

Na comercialização, é primordial a atuação do Ministério das Relações Exteriores, objetivando abrir novos mercados para as frutas brasileiras e, com isso diversificar o destino das exportações, assegurando um aumento da participação das frutas brasileiras no exterior.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ana Cláudia. A fruticultura irrigada do Vale do Submédio do São Francisco e a modernização agrícola do Sertão. **Boletim do Sebrae – Estudos e Pesquisas, Sebrae/PE, 2017.** Publicação em meio eletrônico. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Ufs/PE/Anexos/Boletim-Fruticultura->

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

Sertao.pdf>. Acesso em jul. de 2022.

BAIR, J. Global capitalism and commodity chains: looking back, going forward. **Competition & Change**, v. 9, n. 2, p. 153-180, 2005.

BALDWIN, R. **Global supply chains: why they emerged, why they matter, and where they are going**. Hong Kong: The Fung Global Institute, 2012. (Working Paper FGI – 2012-1).

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária E Abastecimento (MAPA). **AGROSTAT -- Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro**. 2022. Disponível em: <<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>>. Acesso em jul.2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE**. 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>>. Acesso em agosto de 2022.

BUSTAMANTE, Paula Margarita Andrea Cares. A fruticultura no Brasil e no Vale do São Francisco: vantagens e desafios. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 40, n.1,p.153-171,jan./mar. de 2009. Disponível em: <<https://www.bibliotecaagppta.org.br/agricultura/fruticultura/artigos/A%20FRUTICULTURA%20NO%20BRASIL.pdf>>. Acesso em jul. de 2022.

CASTRO, Maria José de et al. **Uma análise da estrutura da cadeia de suprimentos: o caso da empresa Só Frutas**. In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2013. IX Congresso Nacional de Excelência e Gestão. Niterói: Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: <https://www.inovarse.org/artigos-por-edicoes/IX-CNEG-013/T13_0626_3228.pdf>. Acesso em jul. de 2022.

Carvalho, José Luiz Moreira de; ROCHA, Isabela Tito Pereira; Silva, Natalia Lais Gerônimo. A produtividade na viticultura no Vale do São Francisco: uma avaliação em um cenário de crise. In: XXXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2018, Maceió. **Anais eletrônicos da Engenharia de Produção**. Maceió: ABEPRO, 2018. Disponível em: <https://abepro.org.br/biblioteca/TN_STP_258_478_35321.pdf>. Acesso em jul. de 2022.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. Frutas para o mercado. **Instituto de Estudos Avançados – USP**, n. 11(29), 1997.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa; DIAS, Gustavo Henrique. Cadeias Globais de alimentos, redes de atores e qualidades na produção de frutas para exportação: elos entre Brasil e Alemanha. **Revista Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 21, p. 279-301, 2015. Disponível em:<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235658/28561>> Acesso em agosto de 2022.

DREIFUSS, R. A. **A época das perplexidades**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997. Cap. 5: A economia global (p. 178-237).

DOLAN, C.; HUMPHREY, J. Governance and trade in fresh vegetables: the impact of UK supermarkets on the African horticulture industry. **The Journal of Development Studies**, v. 37, n. 2, p. 147-176, Dec. 2000.

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

FILHO, Sérgio Marques Cavalcanti. **A Transformação do Vale do São Francisco nos anos 1960.** Recife: UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Disponível em: <http://procondel.sudene.gov.br/Artigos/A%20Transforma%C3%A7%C3%A3o%20do%20Vale%20do%20S%C3%A3o%20Francisco_Sergio.pdf>. Acesso em jul. de 2022.

GEREFFI, G; KORZENIEWICZ, M.; KORZENIEWICZ, R. P. Introduction: global commodity chains. In: GEREFFI, G; KORZENIEWICZ, M. (ed.). **Commodity chains and global capitalism.** Westport: Praeger, 1994, p. 1-14.

GEREFFI, G.; HUMPHREY, J.; KAPLINSKI, R.; STURGEON, T. Introduction: globalization, value chains and development. **IDS Bulletin**, v. 3, n. 3, p. 1-8, 2001.

GOULART, Daniel Franco; SANTANA, Ricardo Miranda de; MOUTINHO, Lúcia Maria Góes. Tendências internacionais e suas influências na governança de cadeias agrícola: o caso da Globalgap e da fruticultura do Vale do São Francisco. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 44, n. 2, p. 507-522, abr - mar. de 2013.

HERRERA, Vânia Érica; BELOTTI, Carolina; SANTOS, Marco Aurélio dos. Cadeia produtiva de frutas para exportação: limitações e melhorias na infraestrutura de transportes. In: XXX Encontro Nacional de Engenharia de produção, 2010, São Carlos. **Anais eletrônicos da Engenharia de Produção.** São Carlos: ABEPRO, 2010.

HUMPHREY, J.; SCHMITZ, H. How does insertion in global value chains affect upgrading in industrial clusters? **Regional Studies**, v. 36, n. 9, p. 1017-1027, 2002.

LEAO, Eder Lira de Souza; MOUTINHO, Lúcia Maria Góes; CAMPOS, Luís Henrique Romani. Arranjo produtivo local da fruticultura irrigada do Vale do Submédio do São Francisco, Pernambuco/Bahia: fluxos comerciais e dinamismo local. **Revista em agronegócio e meio ambiente**, v. 9, n. 2, p. 273-303, abr./jun. 2016.

LONGHI, Eloisa Helena; MEDEIROS, Josemar Xavier. Importância da coordenação nas cadeias produtivas: caso do programa de fruticultura do Oeste Goiano. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 41, n. 3, 2003.

MOREIRA, Vinícius Farias. **Criação de valor estratégico de empresas exportadoras geograficamente concentradas: análise de empresas produtoras de frutas in natura no Vale do Rio São Francisco.** 2015. 216 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

OLIVEIRA, Charles G. de. **Análise da produção da manga do Vale do São Francisco.** 2018. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Agronomia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Petrolina, 2018.

OLIVEIRA, José Eudes de; LOPES, Paulo Roberto Coelho; MOREIRA, Andrea Nunes. Produção integrada no Vale do São Francisco: situação e perspectivas – a produção integrada de uvas como caso de sucesso. In: **COBRAF – CONGRESSO BRASILEIRO DE FITOSSANIDADE**, n.1, 2011. Jaboticabal, UNESP, 2011. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/896531/producao-integrada-no-vale-do-sao-francisco-situacao-e-perspectivas---a-producao-intergrada-de-uvras-como-caso-de-sucesso>>. Acesso em agosto de 2022.

SILVA, Fernando da. **Inserção da fruticultura do submédio do vale do Rio São Francisco nas cadeias globais de valor.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau/SC, V.17, nº 4, p.80-97. TRI IV 2023. ISSN 1980-7031.

OLIVEIRA, Paulo Daniel Damasceno de; LIMA, Maria do Socorro Macedo Coelho. Situação econômica da fruticultura irrigada no Submédio do São Francisco: avaliação dos últimos anos. **Revista Ibero Americana de Humanidades, Ciências e Educação.** São Paulo, v. 7, n. 6, jun. de 2021.

PENHA, Thales Augusto Medeiros; BELIK, Walter. O impacto das certificações nas cadeias globais de valor agrícolas: o caso das frutas frescas no Nordeste brasileiro. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 187-211, jan. 2019. ISSN 1982-6745. Disponível em: <<https://doi.org/10.17058/redes.v24i1.12861>>. Acesso em Agosto de 2022.

PIETROBELLI, C.; RABELLOTTI, R. Global value chains meet innovation systems: are there learning opportunities for developing countries? **World Development**, v. 39, n. 7, p. 1261-1269, 2011.

RIBEIRO, Danyele Silva. **Fruticultura irrigada do Vale do São Francisco e comércio internacional: uva e manga nos últimos vinte anos.** 2018. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Economia. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2018.

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. **Fruticultura: colheita, pós-colheita e comercialização.** 2ª ed. Brasília: Senar, 2017.

SOUSA, Zilson Marques. **ApI da fruticultura do Vale do São Francisco: contradições, desafios e perspectivas.** 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

VIDAL, Maria de Fátima. Fruticultura na área de atuação do BNB: produção e mercado. **Caderno setorial Etene – Banco do Nordeste**, ano 4, n. 84, jun. de 2019.

VIDAL, Maria de Fátima. Produção comercial de frutas na área do BNB. **Caderno setorial Etene – Banco do Nordeste**, ano 6, n. 168, jun. de 2021.